

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—Di jura non sunt parvum factuando, et circumstantiis non veniunturum. in corpore hominum, in abstracto ad circumstantiam errecia. (St. Paulo, ad Philem. Cap. V. v. 14. Epistola.)

Propriedade de uma associação.

Maranhão, 30 de Junho de 1881

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE JUNHO DE 1881.

#### Casamento civil.

O casamento é um contrato de direito natural, pelo que deve ser regulado pelo poder temporal; e não por esta, na parte espiritual, do concurso da igreja para ser um sacramento.

O homem surgindo do seio da natureza como um simples ser, como todos os outros seres está subordinado as leis naturais que regem a classe á que elle pertence, isto é, a animalidade.

Como os outros animais elle cresce, alimenta-se, vive, propaga-se e morre.

Eis as mais simples leis da animalidade á que elle está sujeito.

Mas o homem é eminentemente social, e mais do que nenhum outro animal é submettido a lei progressiva do desenvolvimento intellectual; pelo que é forçado a sair da simples alimentação e propagação para constituir-se em ser perceptivel, por meio de regras e preceitos chamados leis, por elle mesmo creados, afim de construir a familia, a patria e a final a humanidade.

Donde se vê que o homem, na natureza é um simples animal, que si por Deus foi assim creado, á elle Deus, não deve mais do que isto; enquanto que a sua vida social e toda obra de suas proprias mãos; conseguindo sahir das misérias da animalidade para as grandezas da vida civilizada, pelos seus unicos esforços, umbora para alcançar os seus direitos lhe tenha sido preciso subir a escada da civilisação por degraus de sangue.

Por exemplo, Deus creando o homem só lhe deixou a copula como meio de propagar a especie, assim como aos outros animais; enquanto que o matrimonio é um acto social, é um trabalho do homem, pelo qual póde elle satisfazer os impulsos naturaes dentro dos raios do honeste e do justo.

E como a reunião dos sexos é a mais importante de todos os actos da vida, em todos os tempos, em todas as sociedades, por amor a ordem, os legisladores toem empenho os mais dignos esforços para regularisar esta união. Porque, de todos os attentados, de todos os crimes praticados pelo homem, nenhum deixa na sociedade vestigios tão duradouros de seus officios, consequencias tão dolorosas, como a copula simplesmente animal.

Os crimes dos Neros perleram os seus vestigios quando se occultario no silencio dos túmulos as nobres victimas da sanha do tyranno.

O dinheiro que o bom cidadão perde roubado pelo malfeitor compensa-se com outro dinheiro ganho honestamente. Mas a virgem, que foi roubada á familia pela luxuria do libertino, vai ainda com os arrastões da innocencia, que a mão do lorde-lance não póde do todo despegar, occultar-se nos lupanares, onde servirá de pasto á incontinença publica; e depois que a inbricidade a tiver despojado dos encantos da belleza, as infamias des, prando das orgias, a arrastario a um enterro da casa de caridade, onde exalará o ultimo suspiro, sem que uma lagrima da familia lhe orvalhe o pobre lenço!

Como paradero á estes infamiosos e para a formação da familia, a sociedade instituo o matrimonio, que tem variado

nos diferentes povos segundo as necessidades da civilisação, como passaremos a historiar.

**Historico.** Nos paizes em que a monogamia existe como base fundamental da organização social, a união do homem com a mulher constitui o mais importante contrato da vida humana, nem só em razão do interesse particular como do publico; e as legislações antigas sempre considerario o casamento como um contrato em qual o estado tinha o direito de intervir.

Os gregos achavão nos seus costumes poderosos motivos, emquanto ao interesse particular, para contractarem o matrimonio como um dever do cidadão. E entre os mais importantes effeitos desse dever sagrado, Platão assignava, para o homem, o de deixar depois da morte representantes do seu nome perante a divindade; o desejo de perpetua-lo; o de impeller a dispersão das fortunas e o cumprimento das ceremonias religiosas nos enterros, altamente consideradas na theologia polytheista.

As considerações de ordem publica que impellido o casamento ao cidadão, erão baseadas no principio geralmente acceto, de que era dever do cidadão dar á patria uma progente sã e vigorosa.

Quando os gregos contractão matrimonio, a mais importante formalidade que o procedia erão os *esponsaes*, na qual o futuro natural ou legal da noiva presidia, e os parentes mais proximos das partes assistião como testemunhas. Esta formalidade erão indispensavel para a validade do matrimonio e a legitimidade dos filhos, que sem ella erão privados do direito de successão. Além dos esponsaes outras ceremonias tinham lugar no mesmo acto do casamento ou um dia antes, as quaes erão sempre presididas pelo pae da familia, e o denominavão-a — *prognatio* —, consistindo em sacrificios offertes á divindade que protegia as noivas, e a quem os desposados consagravão as promessas de suas noivas. Seguita-se depois o banquete nupcial, que não tinha por fim somente festejar o hyamen, mas era necessario para formal-o publico, visto que entre os gregos o matrimonio não era submettido a nenhuma formalidade publica, civil ou religiosa, o que suppria o banquete. (V. Demosth. C. Quest. pag. 860 citando por Baudier.)

Entre os romanos tambem o casamento era simplesmente um contrato, sem outra intervenção de poder sacerdotal alem da celebração das ceremonias religiosas. O matrimonio legal era denominado *justa nuptiar*, submettido a duas condições: ou 1.º o casamento *com concubinae*, ou a mulher pertencia completamente ao marido, e era considerada *puta nuptiar* (legitima esposa) e 2.º *sine coenclione*, havia uma simples união, salicente, mas não completa chamada *convivina*, na qual bastava haver um consentimento mutuo entre os esposos, quando chegavão a maioridade.

Neste segundo caso o pae não tinha o patrio poder sobre os filhos, nem estes o direito de familia, porque não erão *in jure liberi*; permanecião sempre na familia materna.

A lei permitia somente esta especie de casamentos aos nobres que, ao não quererio passar á segunda pupcia affim de não verem a *societas domestica* perturbado por filhos de outro leão, ou não disponção de bens sufficientes para manter um novo consorcio, ou apixionan-

do-se um noivo de uma mulher do povo, podia satisfazer deste modo a sua inclinação sem associar-a á sua condição.

A lei Genucia permitio depois o casamento legitimo entre nobres e plebeios.

O matrimonio *com concubinae* effectuava-se de tres modos: no 1.º a habitação de um homem com uma mulher, sob o mesmo tecto, por espaço de um anno, pelo *uso*, dava a ella o direito de legitima esposa.

E quando querião conservar o estado de simples *uxor*, todos os annos ausentava-se a esposa por tres noites consecutivas, afim de romper a continuidade da posse, que era necessaria para mudar o seu estado.

O segundo modo de effectuar o casamento consistia em uma cerimonia religiosa chamada *farreum*, na qual offercião um bolo de farinha aos deuses, pronunciando estas palavras ditas pela esposa diante de dez testemunhas: — *Ubi tu posca ego Caia, Plat. Quest. Rom.*; *Cicero ego Caia, Plat. Quest. Rom.*; depois do que era valioso o matrimonio.

O terceiro modo emfim chamava-se *coemptio*, sorte de venda que punha a mulher em poder do marido.

Quando o matrimonio era concluido *com concubinae in manum* a esposa passava a fazer parte da familia do marido, assimilhando-se a ella, com uma só habitação continua e com reciproco consentimento, pelo principio geralmente acceto entre os povos monogamicos, *et erant duo in carne una*, que a Biblia pretende partir do paraizo terreal.

Estes diversos modos dos gregos e romanos effectuaram o matrimonio estivoerão um uso mesmo na christandade, no tempo das ultimas imperadoras; e as leis que os regulavão forão todas decretadas pelo poder temporal, as quaes a igreja nem só acceitava como até decretava apenas áquelles que as repellião.

Pouquendo, antes do concilio Tridentino, a benção nupcial foi considerada simplesmente como um acto de piedade, e não era necessaria para a validade do matrimonio. (... *inter patres honestate possumus, nulla lege impediunt concubitionem qual ipsorum consensu apte quocumque fide firmatur*. Que somente o consentimento das partes entre pessoas de dissolução, justificado pelo testemunho das amigos, diante dos quaes foi dado, basta para a validade do matrimonio. Cod. de nupcias, l. 29, do Imperador Theodoro.)

A decretal do papa Alexandre III sob o titulo de *Spousa decur. c. 8º* no 12º seculo declara: — *si prius vir et mulier ipse de presentis se receperint, dicendo uno alteri, ego te recipio in nuptias, et ego te recipio in nuptias; etiam non interverit illa sollicitudo, nec vir mulierem carnaliter cognoverit, mulier ipse prius debet resisti, quam nec poterit nec debuit, post talia consensum alii obere*.

Vê-se que este papa considerava o casamento *com palavras de presente* como verdadeiros casamentos; e o Concilio Tridentino decreta penas áquelles que negarem a sua validade, somente não os consentindo mais para o futuro: — *clandestinus matrimonium liberu constitutum consensu facta, extra esse et vera matrimonium... S. Synodus anathemate damnat, qui a vera se rata esse negant*.

Quanto aos impedimentos pelos laços do sangue, as legislações antigas erão identicas, na prohibição do matrimonio em certos graus do parentesco, em alligação no poder da familia, como se vê do *LIVRO CXXVIII. X. De Quibus homo*

*ad proximum sanguinis sui non neceret et replet inipitulum ejus*. (Nenhum homem se chegará a que lhe é proximo por sangue, para descobrir a sua fealdade. (Tradução do padre Pereira).

Novas CXXXVI, casos das filhas de Salmoão *et uxorem plus patri sui*.

Os impedimentos impedentes e os firmamentos, ainda hoje observados na igreja latina, forão decretados pelo poder temporal; taes como o impedimento dirimente (hoje prohibitivo) entre primos germanos decretado pelo Imperador Theodosio; o impedimento dirimente da alligação espiritual, decretado pelo Imperador Justiniano, o impedimento de alligação de cultos, pelos Imperadores Valentiniano, Valente, Theodosio e Arcadio. (v. Pothier Traité du Contrat de mariage, part. 1.º c. III pg. 321.)

Donde se vê, pelo que fica exposto, que nas civilisações grega e romana, o matrimonio foi sempre um contrato civil, regulado por leis emanadas do poder temporal, e que as praticas religiosas tinham somente por fim tornar o acto mais solemne, como ainda hoje se observa em quasi todos os actos da vida, mesmo naquelles em que a igreja nada pode alterar, como seño a benção dada á primeira pedra dos edificios, nos estabelecimentos industriaes, canhões de ferro, barcos, a typographia da *Civilisação*, &c. Por toda parte o hysope e a caldeirinha se introduzem.

Edificuem, rasquem estradas, construam navios, nasce o homem, viva, case-se, morra, por toda parte o hysope o acompanha como expressão concreta de sentimentos piedosos; a consciencia não se satisfaz enquanto o hysope não esparge agua lenta. Tal é a lei do habito!...

E as gerações se succedem sempre abraçadas a estas velhas usanças do paganismo, em vez de considerarem o matrimonio a formação da familia, a procreação e educação da prole, e a ordem d'onde nascem os bons costumes.

(Continua.)

#### O orgão jesuita.

O orgão dos interesses catholicos, em seu ultimo numero, vem prole de calumnias e de injurias. O jesuita, sem honra e sem dignidade, retracta-se a cada canto desse orgão (sicquid).

Acostumado a viver no seio da crapula e da devassidão, elle julga a todos os momentos achar-se em contacto com gente de sua igualia, e em linguagem propria do miseravel papel que representa, porra lorrentes d'insultos e mentiras sobre aquelles que procuram reafirmar a carreira, ou sobre os que votam-lhe o mais completo despreso.

O jesuita, — inimigo da honra e do dever detesta com todas as forças o homem que procede conscienciosamente e que guarda incólume aos seus botos traicoiros aquillo que mais se deve prezar — a honra e a dignidade.

Nascido e educado entre o que ha de mais vil e degradante, o jesuita caminha sempre com a esperanca de colher o máo fruto de seu trabalho. Si acaso encontra um obstaculo que lhe entorpeça os passos e aute o qual elle tenha de remuar, então lança mão das mais vis e despresiveis armas, julgando assim conseguir aquillo que deseja.

A infamia e a calunnia são as armas predilectas de que elle se serve. São com ellas que a canalha costuma bater-se entre si.

O jesuíta julga-se igual a todos. Não sabe medir a distancia que vai do infame ao lamm de bem. Dão-lhe uma arma nobre que elle se conservará inerte por não saber manejar-a. A verdade, por exemplo, é-lhe completamente imprestavel.

Pornei-lhe, porém, uma outra. — aquella com que se costumam bater os infames e vilões, a — mentira, que elle se defenderá como um herói.

Dão a escolher á um bandido, á um sicario, a arma com que deve combater, que elle, de certo, lançará não da mais vil e traiçoeira. Entre a espada e o punhal elle deixará aquella para apoderar-se d'elle.

O mesmo dá-se com o jesuíta. Ante a verdade e a mentira elle escolhera esta, e espaventa, fugirá ao apparecimento d'aquella.

O bandido e o jesuíta confundem-se. Elles constituem uma só entidade.

Deão a mais remota antiguidade, o jesuíta sempre viveu em guerra aberta com o progresso e a liberdade, procurando sempre semear a discórdia no seio da sociedade, escravizar as consciencias e arvorar o estandarte da corrupção e do despotismo na superficie da terra.

O adiantamento e aperfeiçoamento da humanidade, ainda não poderam de todo destruir por uma vez essa seita que prega em seu seio a desobediencia, a mentira, a calumnia e tudo mais que possa concorrer para o atraso e vergonha de um povo.

A hydra, que ha muito jaz preza por enormes e vigorosos pulsos, ainda de vez em quando colérica e sanguinaria, accomette aquelles que concorrem para a perdição e completo aniquilamento.

E' o que hoje, embora infelizmente, está se dando entre nós.

Ella accomette-nos, e com seus dentes afiados procura ferir-nos. Destruí-mola para sempre. — Fazemos este grande serviço á humanidade.

Em seu ultimo numero o *orgão dos interesses catholicos*, aqui creado por um bispo inepto e redigido por uns verdadeiros salimbancos, especuladores perfectos das doutrinas elevadas e sublimes de Christo, vem, revestido de uma audacia digna de chicote, tentar offender á caracteres illibados e dignos de todo o respeito.

S. Exc. o Sr. Dr. Cincinato, digno presidente da provincia, e por conseguinte a sua primeira autoridade, é uma das victimas das infames pasquinheiros de St. Antonio.

Administrador honrado e distincto, tem S. Exc., comprehendido da posição que lhe foi confiada pelo governo imperial, portado-se com toda prudencia e imparcialidade na luta porque estamos passando, desde que para aqui veio o jesuíta mais vil que existe sobre a terra.

A imprensa da provincia conservava-se toda possuida de affeição e de respeito pelo administrador que collocando-se na altura, a que só pôde chegar o homem de bem, distribuía a justiça e procurava por todos os meios a prosperidade e o engrandecimento d'aquillo que lhe fôra confiado.

O *orgão dos interesses catholicos*, porém, — essa vergonha de nosso jornalismo, abandonado e descontente por ver que suas doutrinas erroneas e especuladoras, não achavam echo entre os homens de bem, desorientado e quasi que totalmente perdido investido, n'uma linguagem torpe e desmedida, que bem deixa ver o quilibre de seus redactores, a voelera sobre S. Exc. o Sr. Dr. presidente, apontando-o como o unico *responsavel* da que tem soffrido o clero maranhense.

Não procuramos defender S. Exc. nem as outras dignas victimas do furor desmedido das infamissimas creaturas que redigem tal pasquin.

Os insultos partidos do seio da *crusella*, nunca podem focar n'aquelles que se acham esculados pela honra e pela dignidade.

Além disso, o publico sensato e in-

parcial faz inteira justiça a recta administração de S. Exc. e despreza tambem os cães famintos, que ladram com o unico fim de morder aos que os detestam e abominam.

Caso porém, S. Exc. necessitasse de alguma justificação, não precisaria ir muito longe para alcançá-la.

Um pasquin que achava-se confiado a um homem desprezível e abominado por suas feiçanhas e ataques á honra e á moral; á um hypocrita, irião como de Judas, e á tres ou quatro *espectos* *inexperientes*, — verdadeiros *testas de ferro*, que sacrificam-se pelo que não fazem, não pode, de certo, prejudicar a reputação de um homem de bem.

Aquello que for insultado por um papel nestas condições deve orgulhar-se.

Os vis e os miseráveis nunca insultam-se entre si. Sempre procuram quem não pactua com as suas ideias e actos.

S. Exc. o Sr. Dr. Cincinato foi insultado em taes circumstancias. A canalha fez o seu dever. Provou que S. Exc. é um homem de bem.

O Dr. Mello Rocha, o integro e illustre magistrado que condemnou o padre andaz e atrevido, desrespeitador das leis e das autoridades, tambem não escapou á bilis jesuitica.

Os redactores do *orgão catholico*, esperavam que S. S. manchasse a toga da justiça, com a qual se acha revestido, fechando os olhos ás suas infamias, como elles a todos os momentos enlameam as bañinas, logo que o interesse e o crime a isto os impelle.

Enganaram-se porém.

A toga representa um juiz recto e justiciero, no passo que a bañina sempre encobre — embusteiros e calumniadores.

Agora tractemos da parte que nos diz respeito.

Continua o *orgão catholico* a chamar-se de *pasquinheiros* e de *multipillos da imprensa*.

Pasquinheiros, sois vós, que fazeis da imprensa escaudador inumido de calumnias torpes e baixas.

*Multipillos da imprensa*, sois vós, padres de Santo Antonio, vós, que procurais a todos os momentos conspirar o que ha de nobre e de grande sobre a terra.

Entre nós e vós ha uma grande distancia. A distancia que separa os homens de bem dos canallas. Nossos fins são diferentes.

Enquanto que vós marchais ás ocultas, envoltos nas trevas, procurando pontuar no lar domestico para ali plantar a prostituição, nós, que somos moços, que temos os corações cheios de bons sentimentos, marchamos de cabeça alta e olhar fixo no futuro, de encontro aos vossos planos tenebrosos.

Livrar o povo de cair em vossas garras, eis o nosso fim.

Em quanto as voas nos correr uma gota de sangue, tivemos de trabalhar pelo interesse da sociedade, procurando banir de seu seio os assassinos da moral, os especuladores das consciencias, os destruidores da honra e da familia.

Padres de Santo Antonio, recuae na carreira perigosa que encetastes. O vosso tempo passou. Convertet-vos, fazei-vos homens de bem e uteis á humanidade. Despi essas nojentas bañinas, que symbolizam a ignorancia e a impostura. Deixae esse convenio, — outro de corrupção e de immoralidades, e procurae-nos, a nós, que respiramos a atmosphera pura do social, que de bom grado vos guiarémos na pratica da virtude.

Nós não vos odiamos. Não o mereccis. A falta de razão e a persistencia no erro só nos inspiram compaixão.

Ainda é tempo de rehabilitar-vos. Penseae, Penseae ter razão. Convertet-vos. A conversão não é degradante, uma vez que seja feita do mal para o bem, das trevas para a luz.

Christo mandava salvar as almas transviadas. Nós somos os continuadores da obra desse grande reformador.

Salvae-vos.

### Mais uma mentira da gazeta catholica.

Não cessa a gazeta catholica de calumniar, de injuriar, de intrigar aquelles que lhe passam ao alcance. Todos os dias a folha ecclesiastica empresta a pessoas respeitaveis convicções que nunca tiveram e tam pouco aculrizaram os factos a propalar.

No dia em que a Relação do districto tomou a sabia decisão, mandando acceptar a appellação interposta pelo nosso impressor, Barros Lima, espalharam os pasquinheiros da folha ecclesiastica uma diatriba contra os integerrimos Desembargadores, concluindo por dizer que os aduogados do foro desta capital consideravam injusta a decisão tomada. Immediatamente desmascaramos os mentirosos, os vilões, os covardes. Desafiamos-os a provar a sua asserção. Exigimos que apresentassem documentos comprobativos da sua proposição. Os miseráveis porém, não o fizeram. Não tinham, nunca tiveram, prova alguma para adduzir. Os miseráveis tinham ainda uma vez mentido. O proprio Dr. Agostinho Pereira da Silva, advogado das viloras de roupeia, desmentio-os publicamente, declarando que as decisões do Colledissimo Tribunal da Relação são sempre pautadas pela justiça e trazem sempre o cunho da sabedoria que characterisa os seus membros.

Desmascarados, elles, os agentes das trevas, não abandonaram o campo. Mudaram unicamente de tactica. Vieram a publico dizer que o illustre Sr. conselheiro João Paulo Monteiro d'Andrade não concordára com a decisão tomada e deixára de assignar o accordo.

E' falso. E' mentira. E' mais uma das calumnias, das intrigas do pasquin catholico.

Desafiamos os redactores, os escrevinhadores do tal pasquin a provar o que disseram. Não apellamos para a dignidade d'elles, porque não a tem. Ha muito que elles a nutiram. Quando o homem toma a batina, abofea todo o sentimento nobre, todo o sentimento que nobilita o seu ser.

Acoutei-se ao Exm. conselheiro Monteiro d'Andrade contra a folha ecclesiastica.

A corrupção tem n'ella o seu posto. E a corrupção é contagiosa. Livro-se S. Exc. do contagio.

### O Dr. José Ferreira de Menezes

Falleceu, na corte do imperio, o Dr. José Ferreira de Menezes, distincto jornalista, redactor e proprietario da *Gazeta da Tarde*.

Foi o Dr. Ferreira de Menezes um abeiro do futuro, um campeão denodado, um batalhador infatigavel em prol das ideias modernas.

A patria perdeu um fillo dilecto, um cidadão prestimoso; e nós um correligionario de ideias, um compaunheiro estimavel nesse combate gigante que ha deovos seculos travou-se entre a luz e as trevas, entre a liberdade e o despotismo.

O *Pensador* sente profundamente a morte do illustre cidadão.

### O Exm. Sr. Desembargador Lacerda.

Deixou, no dia 23 do corrente, o cargo de chefe de policia, em cujo exercicio se achava inferiormente, o Exm. Sr. Desembargador Joaquim de Paula Pessoa de Lacerda.

Magistrado integro e justiciero, varão distincto, o Sr. Desembargador Lacerda soube sempre conservar-se na altura de um perfeito funcionario publico.

Delicado, de maneiras brandas e affaveis, S. Exc. deixou penhorados todos aquelles que, em procura de justiça, tinham de á elle recorrer. Seus actos foram sempre pautados pela justiça. Trouxeram sempre o cunho da reflexão e do interesse que lhe inspirava a dignidade do cargo de que foi incumbido.

Tem havido, é verdade, alguém que procura manchar sua reputação. Apareceu meia dúzia de exploradores, que, pelo simples facto de não se ter S. Exc. prestado aos seus perdidos manejos, tem procurado abocantar a sua reputação. Os bofes da maledicencia porém, não já dissemos e agora repetimos, não conseguirão jamais tocar os homens de bem. Elles estão como collocados em um elevado pedestal, junto do qual cahem todas as injurias, todas as calumnias que pur ventura lhe aitem.

A provincia, a parte moralizada d'ella, tem na devida conta os actos reflectidos do S. Exc. nesta difficil quicira de commoções religiosas. E d'isto tem prova, não levantando uma só queixa contra S. Exc.

Nós saudamos o Sr. Desembargador Lacerda.

Assumo o cargo de chefe de policia o Sr. Dr. Manoel Ventura Barros Leite de Sampão.

Desejamos a S. Exc. uma feliz administração e que siga os passos de seus dignos e distinctos antecessores — Dr. Candido Augusto Pereira Franco e Desembargador Joaquim de Paula Pessoa de Lacerda.

## COLLABORAÇÃO

### O PAIZ—orgão especial do commercio e particular do bispo.

Dão-se factos na vida da humanidade, tão extraordinarios, que levam involuntariamente o homem a sérias reflexões, cujas conclusões mostram, com logica de ferro, o caminhar precipitado da dignidade para o seu completo aniquilamento.

O espirito como que se confrange ante essa podridão moral, que vai minando quasi todas as classes, mostrando á sociedade estupefacta essas chagas gangrenosas, que gotizam publicamente o puz negro e asperoso da corrupção.

O jornalista, mais de que qualquer outro membro da sociedade, tem severa obrigação de fugir a essa avalanche destruidora e prejudicial.

O jornalista não pertence a si mesmo. Como gnã da opinião publica, a quem deve dirigir com verdadeira imparcialidade nas convulsões, que, de tempos ha tempos, agitam a humanidade, tem uma responsabilidade enorme. D'ahi esse poder immenso da imprensa na sociedade.

A opinião uma vez externada é propriedade do publico e o jornalista jamais poderá retratá-la, sem que factos altamente poderosos o possam justificar.

Fugir a estes principios, que constituem, por assim dizer, o Evangelho da imprensa, é fazer-se espectador, é simplesmente exautorar-se perante á sociedade.

Mas deixemos estas considerações, que já vão longas e movemos a nossa epigraphie.

Como todos sabem, foi o *Paiz* o primeiro jornal que descobriu a incapacidade do Sr. D. Antonio Alvares para o cargo, que em tão na hora lhe foi confiado. Foi o *Paiz*, quem disse aos maranhenses que o Sr. D. Antonio era um bispo BOLONIO. E o *Paiz* dissera a verdade, que foi desde logo reconhecida por todo o jornalismo e por este povo, cujo amor á ordem não soffre contestação.

Mas o que vemos agora? Uma metamorphose completa!! O *Paiz*, que chamou o bispo BOLONIO, guarda hoje um silencio altamente culposo, sempre que se trata de constar um novo disparate do Ordinario. E ao mesmo tempo que noticia pleguicas religiosas, cala todos os factos que possam prejudicar a camarilla negra de Santo Antonio.

Ultimamente representou-se um drama anti-jesuitico — «OS AGENTES DAS TREVAS.» O povo recebeu-o com delirio. Homens e senhoras applaudiram-no com verdadeiro enthusiasmo!! Foi enfim um facto excepcional. O jornalismo do dia seguinte



Foram nomeados, por parte do Fisco, para ver desarragar o Brigadeiro CORAÇÃO, chegado há dias de S. Sulpício, os Rm. srs. Augusto Almeida e João Rego. —Foi acertada a nomeação, Puzque, inimigo como são de jesuítas, não deixaram aquelles empregados passar canção pela malha.

No dia 18 do corrente foi o aniversário natalício de Frei Magrigo e por isso dia de grande festa. O beaterio reuniu-se na sacristia e pintou o sete: pentearam-no, lavaram-no, limpavam-no, deitaram-lhe a água Florida e vestiram-lhe sobrepeliz nova. Depois, guiadas por Bristol, cantavam ao redor d'elle aquelles versinhos da Pacotilha:

Assim seo Fonseca,  
Perna fina e cara secca.

Conta-nos que também fazem parte da redacção do Pasquim clerical o major Fantasma, o capitão Bristol e o rafeiro Tolo, amigos inseparáveis.

—Pelos adeptos pode-se facilmente julgar do valor da santa causa...

A canalha de Santo Antonio dilira e na sua ira hydrophobica ataca desde o digno Presidente da Provincia até ao mais modesto cidadão!

—Mais dia, menos dia teremos de andar de bengala para lhe quebrar os dentes.

Batuzado Fonseca, que veio ha tempos de Sodoma para curar-se do idiotismo que o acomettera, ficou completamente maluco e a sua secura é com OLHINHO DA PACOTILHA!

—Coitado... um sacerdote de não bons costumes...

Para quem será a casinha que o deusso Frei Magrigo está mandando construir?!

—Para guardar reliquias do santo coquebo...

Garantio-nos pessoa de consideração—que, no noite de 22 do corrente, pelas onze horas, encontrára o paravação Morão completamente embriagado, pelo braço do profo Roberto, commensal de Santo Antonio.

—Não admira, porque este tartufo dá-se muito a crapula.

O livro que escrevem no pasquim clerical—que o drama OS AGENTES DAS TREVAS fôra applaudido apenas por um grupinho e o mesmíssimo capitão Bristol, tão conhecido do publico pelo seu caracter baixo e traçoiro.

—Que differença entre este Bristol padresco e aquelle Faria que vestia roupa usada de JOÃO AFFONSO e outros bons amigos!

Um negociante de molhudos estabelecido á rua Grande contou-nos que recolheera, n'um individuo distarçado, que ha dias lhe furtara um quinho de cima do balcão o Rvd. Guedelha.

—Quem sabe se não foi este patife que quebrou os lampões?

Informam-nos que no dia 24 do corrente houve mona grossa na sacristia de Santo Antonio e que Frei Magrigo fôra tão bebado que vomitára até nas asagradadas.

—Se estes satyros que nos querem risarão...

Antonio Cantillo requereu ao serial privilegio exclusivo do Go...

E o mesmo fôo emocodou com a...

—Ago...

teremos c...

O pasquim...

—Previmos o digno magistrado de que o nojento pasquim parece-se com o morengo, que antes te mordera, ahna...

Sendo expressamente prohibido Código ecclesiastico—que se orden. padres fôes, ou que tenham defeitos pl. sicos, como é que se ordenaram os pa. dres Fonseca, Miraval e Baptista, que legam as lampas ao Alferees microscopio?

Será verdade que o sr. EUCLYDES FARIA—emprego publico provincial!—faz parte da redacção do pasquim catholico, que insulta e calunha o digno Presidente da provincia?!

—Se assim é, carcere de severo correctivo.

Movimento dos templos. Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Quantity. Includes: Bestas da plebe (11), Ditas da pagelanga (18), Thesouraria bem carniuda (1), Zeladora ossa (1), Grande chefe das pagés (1), Seu cacetinho estimado (1), Sua cocaina portatil (1), Seu pilãozinho africano (1), Jesuítas ordinarios (2), Dito de giga á cantida (1), Curiosos diversos (22).

NR.—Sen Puzeca Rô e seu Tolo também p'ra ganhar o seu vinhem.

Soror Pampudor.

CHRONICA

Minhas caras leitoras. Eis-me mais uma vez defronte de vos, prompto a fechar o grosso maço de tiras que tenho debaixo da penna.

São seis horas da manhã—o sol acaba neste instante de fazer a sua toilette e propõe-se a dar um bello passeio matinal pelo tapete azul do ceo.

Sinto-me feliz e bem disposto ao escrever isto—minha janella abre para o quintal, donde recebe um ar balsamico e puro; si erguer os olhos vejo a fullangum das arvores e das roseiras, que parecem estremer voluptuosamente nos beijos quentes da luz; si ergue-os mais ainda dou com o aspecto consolador de um bello céu de junho e posso a vontade acompanhar as fructificas andorinhas, que riscam o espaço com as suas azas endemniadas.

Como é bello trabalhar nestas circumstancias! como é bom engolar de um trago o somno da noite e levantar-se agora forte e alegre, disposto a passar o dia occupado, e temer contrariar a penna com que tenho de escrever a chronica do Não Dissidar.

Felizes daquelles que não possuem a mocidade nos prazeres nocturnos, não oncharam o estomago com as ceias retardadas e não acordam pelo dia alto, com a bocca amarga e o corpo molle!

Felizes! porque esses podem, como eu, destruir o que gozo neste instante—o bem estar. Sinto-me cercado de uma atmosphera suave de paz e tranquillidade—sinto respirar-me dentro o cocção com o suorão de uma criança adormecida; sinto a consciencia clara e limpa saltar-me ao interior: risadas de satisfação.

Oh! perdoem-me v. exes. si neste instante, em vez de divertis-me com outro assumpto, peço-me a follar de que sinto, mas não posso ser indifferente a natureza que tão generosamente me abre os braços e não recuso ao desejo de agradecer ao entó invisivel que preparou tantos elemens de felicidade e amor.

De amar, sim, muitas senhoras, porque tudo isto me aproxima de v. exes. e leva-me por conseguinte ao amor.

O amor é a verdadeira fonte de todas as virtudes—o do amor que nasce familia, é de amor que nasce a maternidade.

Quando algum coração chega a amar afeveros, com abnegação, com heroismo, com dignidade; quando algum coração procura, não absorver a vida

inter-lho ao contrario a coragem a aspiração do bem, o enthusiasmo pelo abismo, a reconciliação da deus e a grande auto-existencia—o contido de v. ex. util e productivo—esse coração, chega a esse estado, pode-se julgar o perfeito—chegou ao seu apogeu que é incapaz do amor, e incapaz de outros sentimentos/bons.

Procurar Deus por toda parte, quem surpreende em todos os movimentos da natureza, quem elle se revela nas immensas e profundas, tes formidave oceanos, nas bravis e abissas; quando entretante elle está em estado de enausencia, usado em anso coração, e em uma manifestação—o amor.

Só o amor sa... milagros da abnegação e da coragem... serve aoobre mais tresnouda velano... do fihinho enfermo, observe a... mil que passa a dia a mozejar par... volta a falar o não á esposa e nos... que tem em casa—aquillo é o verda... amor que não conhece os transportes da amante, mas que conhece todos... pelos objecto amado.

Sabemos que os padres... quando conseguem chamar... mães ou simplesmente as p... a primeira coisa que fazem, é des... amor, procurando tirar-lhe toda... possui de bello e de ideal.

Mas não se enganem as minhas le... creiam que nada é tão perfeito, tão bello, paetico e tão leucado como a realidade.

A mulher nunca se pode emancipar da criação que o ideal, que o bello enfim op... sobre ella, porém deve procurar esse ideal, justamente na vida pratica, na amor da familia, no serviço da casa, nas obrigações do lar, nos cuidados maternos.

Pelo seu coração, pela delicadeza de seus sentimentos, pela sua constituição medica, ella é constantemente arrastada para a contemplação e para o extasio—as longas vigílias da maternidade, os sobresaltos durante as moléstias dos filhinhos, as horas passadas a acidental os, leva-as insensivelmente a meditação e as grandes concentrações piedosas.

—A mulher chega a acreditar profundamente em Deus, consegue comprehendê-lo ao seu mysterio e na sua infinitude; só depois de ser mãe, só depois de esquecer se inteiramente de si e do esposo, para viver para aquillo entesinha fraco e meigo: um palpitante no collo.

Nessa occasião a mulher é sublime! e nessa occasião suprema, é nessa epocha luminosa que ella procura Deus fervorosamente, procura-o porque tem um filho, porque é estremece e não confia em si—peça de um poder superior que o ampare e proteja.

Quer um confidente extraordinario, que a aconselhe, que a fortaleça, para que ella possa educar e emancipar seu querido filho.

Por si nunca ella se encontraria em procurar Deus—si elle se apresentasse, ella o accedaria de boa vontade, porém nãoitaria a rebela e não romperia os pes a procurá-lo. Porém trata-se do filho—para o filho que ella o procura—por esse o que não fura a pobre mãe, onde não irá procurar o que supremo?! onde não irá ella desconfiar?! onde não descerá para apoderar-se d'elle, limpar-lhe os pes, arrastar-se seguindo pelos seus rastros e exclamar-lhe—Aqui tens meu filho, fô e bôia, protego-o! meu senhor! minha esperança!

—Mas onde estará Deus?!

—O fôlano! visto por si Deus?!

—O ciera! encontraste por acaso um valho de grandes burbas, com uma ampulheta na mão?!

—Ninguém responde, ninguém sabe, ninguém viu?!

E a pobre mãe, que entretanto tem Deus no seu collo, que tem Deus na sua criação, entrega-se ao amor desespero, arranca os cabellos, bate com a cabeça, porque ninguém lhe sabe osamar onde ella encontrou Deus.

O esposo nessa occasião devia chamá-la a si e dizer-lhe o que é Deus e como ella o possui e o encontra, mas o marido está occupado com os seus trabalhos e a mulher continua entregue ao desespero, sem saber onde encontrará, mesmo ella tanto procura.

E então que lhe surge mysteriosamente de fronte dos olhos um homem que não se seu marido e que vem vestido todo de preto, traz a cara rasgada, o cabelo curta, a nuca aberta em cordão. Esse homem não é como os outros homens—na ir tranquillamente, só falla nas suas palavras e em um tom discreto e cheio de doçura e rebencia.

A mulher estremece e pergunta quem elle é. Elle vira os olhos para cima e responde com uma voz attosa—que é o padre! o confessor!

—Mas o que vem o senhor aqui fazer?!

—Venho dizer-te, filha, onde está Deus?

—Deus! Pois a senhor sabia e estava calado?!—Oh! diga, diga depressa! onde elle está?!—onde o posso encontrar?!

Então! Então! Si quizer qualquer coisa—am tem minhas presenças, meus vestidos, minha mobilia, minha fortuna de meu marido, mas tenha a bondade de dizer onde em posso encontrar Deus!

—Segue-me, diz o padre.

Rapondando a lantna com o braço esquerdo, toma elle o caminho da sacristia.

Ah, mulher! si amos esse entesinha que te sabio das contradições não acompanhos o padre, não o sigas, porque quanto mais te afastares de teu lar, quanto mais te afastares do teu esposo, mais te afastas de Deus—esse homem simula e agra que prometteo conduzir-te aos pés do creador, mas se quer o conhece; não o conhece porque nunca amou, nunca identificou-se por conseguinte com Deus, que é o simbolo eterno do amor e da ternura.

Na sua vida mystica, sem casa, sem amigos, sem criação—sem alma, nunca pôdeo comprehender a vida com todos os sacrificios e com todas as alegrias.

Não o sigas, porque a seu peito é arido como um sepulcro despojado; não te aproximes d'elle, que as suas palavras trazem um rio fôo de morte.

—Quer desparar-te de tuas creanças e de bens, quer assistir-te o curação e a bul... quer clumbar-te ao seu destino sombrio e... quer um sub-suetto ao como um heco... da, e substituir depois a tua fe vigia... da vida da mãe, por uma fe conven... deas de deveda.

—Pobre mulher, ao lado de teu... teu marido; o o padre que tu... a cella.

—E... o tu—na igreja ha muitas...

—De... res Deus?!

—Procura... transparentes de teu... constante e não desvi... rta a vis... encontrar o!

—Quando em tua propria casa, tu... —tu tens o teu oratorio, para que... oratorio publico?!

—So se vai... calar, quando não se tem a... igreja é o gran... do oratorio pop... verna fornece a... seu oratorio em... to pode ter e... no farne e... jardim publico... plantas no quintal...

—Sei que te ensina... tr teu marido um lomen material, e entegue; seus negocios e não po... de giza para teu espirito.

Quando conhece... coisa interior te arrebatava para... hram-te um padre, porque um padr... eram puramente espirital, que lea... tas, a palavras dennis, o olhar cheio de simphonia e o traçado cheio de latin.

Oh! mas não te illudas—e... muito menos espiritual que tu e...

—Teu marido, filha, empando... mãos, empando pressa os dias a... que seja em um rememem de com... quer seja em uma repetição publico... seja em uma officina, não está faen... coisa material, ao contrario está pratic... a mais espirital, a... agra—d... seu trabalho, mas su... representa... para si q... elle trôdado—e par...

E chamam-nos ainda... os seus filh... sua material! illas para ti sus... te ama, é po...

—Levanta-te que si tentas e aos filhos—que te estremece...

—Não ha vida mat... ção que a conduz...

—Material é a m... para educar os se... mulher que ama, estorango, que m...

E quanto á v... lectores, leram Si Vv. Exes. não que o casamento si são casadas u... para que entre se metter a esp...

—padro diz—nã... para sustentar... occidir ao propri... bestivel.

—ninhás adoravel... guntat conselha... layam por cazar... vel para todos;... a seus marido... e elles nunca poss... ro do confessor!

Maranhão—Typ. de Frias & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima.

Mutilado